

## **Liber novus: o exercício dialético de Jung e a construção da psicologia analítica**

Liber novus: Jung's dialectical exercise and the Construction of analytical psychology

Zara de Oliveira

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil

Fátima Caropreso

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil

### **Resumo**

O presente estudo consiste em uma análise da obra do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung intitulada *Liber novus*. Nosso objetivo foi refletir sobre a importância de seu confronto dialético com o inconsciente, registrado nessa obra, para a construção de sua teoria. Procuramos compreender de que maneira este exercício interior, juntamente com suas pesquisas e atendimentos clínicos, serviu de base vivencial para a elaboração de suas ideias. Além da análise da sua própria teoria, abordamos outros autores junguianos contemporâneos e levantamos algumas hipóteses sobre a relevância da vivência pessoal de Jung para a construção da Psicologia Analítica.

**Palavras-chave:** Carl Gustav Jung; Psicologia Analítica; Livro Vermelho; inconsciente; função transcendente.

### **Abstract**

This study consists of an analysis of the work *Liber Novus* by the Swiss psychiatrist Carl Gustav Jung. Our aim was to reflect on the importance of his dialectical confrontation with the unconscious, as recorded in this work, for the construction of his theory. We sought to understand how this inner exercise, together with his research and clinical work, served as an experiential basis for the development of his ideas. In addition to analyzing his own theory, we also looked at other contemporary Jungian writers and raised some hypotheses about the relevance of Jung's personal experience in the construction of Analytical Psychology.

**Keywords:** Carl Gustav Jung; Analytical Psychology; Red Book; unconscious; transcendent function.

### **Informações do artigo**

Submetido em 14/08/2024

Aprovado em 14/10/2024

Publicado em 27/02/2025.

doi: <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2025.v25n1.p107-126>



Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons CC By 4.0

### **Como ser citado (modelo ABNT)**

Oliveira, Zara de; Caropreso, Fátima. *Liber novus: o exercício dialético de Jung e a construção da psicologia analítica*. Ágora Filosófica, Recife, v. 25, n. 1, p. 107-126, jan/abr. 2025.

## 1 INTRODUÇÃO

Profundezas e superfícies devem misturar-se para que surja nova vida, mas a nova vida não nasce fora de nós, e sim dentro de nós (Jung, 2013, p. 137).

Carl Gustav Jung, psiquiatra suíço, viveu entre 1875 e 1961. Fundador da Escola de Psicologia Analítica, elaborou uma vasta obra teórica que permanece atual em seus fundamentos. Neste artigo, iremos refletir sobre como a elaboração de suas anotações pessoais no *Liber novus*, resultantes de seu confronto dialético com o inconsciente, serviu de base vivencial para a elaboração de sua obra, juntamente com suas pesquisas e atendimentos clínicos.

O *Liber novus* levou de 1913 a 1930 para ser elaborado e teve uma função central na gênese da obra criativa de Jung. Ele contém o registro do trabalho consciente com sonhos, devaneios e *imaginações ativas*. Jung foi o autor, o método e seu próprio caso clínico nessa obra de tamanha complexidade. Consideramos importante ampliar o universo no qual *Liber novus* foi sendo gerado, em estado latente, desde os primeiros anos da vida de nosso autor. No tópico "Visões iniciais e a preparação do caminho", analisamos algumas vivências de Jung, ao longo de seu desenvolvimento pessoal, que se mostraram coerentes com suas proposições teóricas. Jung afirma que: "sem a vivência dos opostos não há experiência da totalidade e, portanto, também não há acesso interior às formas sagradas" (Jung, 1991 [1951], § 24).

Com o intuito de aprofundar o entendimento dessas vivências, apresentamos os registros de algumas das polaridades consteladas no campo psíquico de Jung, desde a sua infância até os chamados *Cadernos de Transformação* e, posteriormente, o *Liber novus*. Traçamos uma espécie de *caminho*, através do qual apresentamos como a atitude dialogal de Jung – diante das imagens do inconsciente – implicou um processo que ele mesmo denominou teoricamente, mais tarde, como *processo de individuação*.

Temos como ponto de partida o pressuposto da teoria de Jung de que é a partir da tensão do confronto dialético entre esses paradoxos que se manifesta o *elemento intermediário*, resultante da síntese entre polos aparentemente irreconciliáveis. Veremos na prática, isto é, nas próprias imagens pessoais de Jung, registrada no

*Liber novus*, como acontece essa dinâmica de transformação, a fim de verificarmos, então, algumas imagens representantes deste terceiro elemento, ou seja, a *função transcendente*<sup>1</sup>.

## 2 UMA OBRA SIMBÓLICA

Consideramos o *Liber novus* como a memória de um trabalho interior profundamente árduo, criativo e visionário na História da Psicologia. Desafiou a sanidade mental de Jung: sua rendição voluntária, além de seu constante registro diante das irrupções do inconsciente, fez uma diferença radical entre a psicose e a criação de uma nova teoria. Além disso, sua forma e conteúdo são característicos de uma obra não teórica, fruto de uma experiência original, subjetiva, na qual seu próprio autor se debruçou em detalhes, por anos, em torno de sua elaboração.

Por essas características, compartilhamos da compreensão de Walter Boechat,<sup>2</sup> que indica a relevância de uma aproximação mais intuitiva e menos racional da obra. Vale expor sua opinião na íntegra:

Como fazer a abordagem do *Liber Novus*? Sua riqueza de conteúdo é convite para uma grande variedade de abordagens possíveis, é chamado permanente para estudo e meditação. [...] também sugere respeito e espera, um processo de amadurecimento e reflexão sobre seu conteúdo com respeito ao tempo necessário para sua integração. É necessário lembrar que Jung levou muitos anos para escrever o livro. [...] qualquer abordagem da obra deverá respeitar seu aprofundamento, sua complexidade e seus caminhos sofisticados. Uma abordagem do *Livro Vermelho* é como atender um chamado dele, uma realização pessoal importante, uma reflexão de vida, uma meditação. Não é um trabalho teórico, mas um aprofundamento, uma obra de vida. É como plantar uma árvore, tomar uma decisão existencial de significado. Quando se diz que nós não escolhemos livros, são eles que nos escolhem, isso é particularmente verdadeiro para o *Livro Vermelho*. Torna-se necessário ouvi-lo para saber por que ele nos escolheu, porque fomos escolhidos por ele para abordá-lo em penetrar seus caminhos misteriosos. Ao realizarmos qualquer abordagem, estaremos, como fez Jung, dando ouvidos ao que chamou, o *espírito das profundezas* (Boechat, 2014, p. 2).

---

<sup>1</sup> A partir dessa hipótese, de que há um processo psíquico natural que unificava os contrários, Jung (1989 [1958], § 121) elaborou um “modelo e fundamento para um método que consiste essencialmente em provocar intencionalmente o que a natureza produz inconsciente e espontaneamente e integrá-los à consciência e seus conceitos”. Consiste em buscar compreender o sentido simbólico que está sendo revelado na complexidade das manifestações psicofísicas do paciente. Esse método “fornece a base para a compreensão do processo que se chama função transcendente” (Jung, 1985a [1916/1958], § 147).

<sup>2</sup> Analista junguiano e revisor da tradução brasileira tanto d’Os livros negros quanto do *Liber novus*.

Nesse sentido, o desafio que apresenta este artigo é, em certa medida, o que ocorreu no próprio *Liber novus*: o trabalho de conciliar, de um lado, o pensamento racional, acadêmico, que objetiva, por meio de procedimentos metodológicos claros e argumentativos, analisar, explicar e, por vezes, definir um problema. E, por outro, um saber experiencial, subjetivo, processo e resultado de um mergulho interior. Exatamente este modo de conhecer e apreender os fenômenos que essa obra provoca.

*Liber novus* é um dos livros que chamamos de “livro vivo”. Jung, em *Memórias, sonhos, reflexões*, escrevendo o prólogo do que ficou conhecido como sua primeira biografia,<sup>3</sup> disse que *Liber novus* resultou de registros dos acontecimentos interiores que serviram de matéria-prima para sua teoria: “foram como que uma lava ardente e líquida a partir da qual se cristalizou a rocha que eu devia talhar” (Jaffé; Jung, 1997, p. 20).

Ao examinar o estilo linguístico utilizado por Jung no *Liber novus*, vemos que o desenrolar do texto se dá numa abordagem simbólica, às vezes filosófica, com forte tonalidade poética, consoante com uma das características inerentes à linguagem simbólica. Arte e símbolo são prismas do mesmo cristal, por assim dizer, simbolicamente. Há ainda, nesta obra em questão, uma polifonia textual (Boechat, 2014), na qual estão presentes e se entrelaçam diversas vozes em uma narrativa

---

<sup>3</sup> Publicado pela primeira vez em 1963, como sua autobiografia. No entanto, o conteúdo não fora somente relatos de Jung, a publicação foi o resultado de edições feitas por Aniella Jaffé (secretaria de Jung), às transcrições de gravações de conversas com ele. Shamdasani, em *Memories, dreams, omissions*, relata que, na própria introdução, Aniela Jaffé afirma: “Jung leu todo o manuscrito deste livro e aprovou-o”. Portanto, tem-se considerado geralmente que Jung foi o responsável final por quaisquer omissões no texto. Porém, desde o início, houve rumores de outra ordem de omissões. Esta pergunta foi feita a Jaffé em entrevista com Suzanne Wagner que aconteceu em 1977” (Shamdasani *apud* Bishop, 1999, p. 38, tradução nossa)\*\*. Obviamente que tudo o que foi escrito teve, de alguma forma, a anuência de Jung. Porém, em 5 de abril de 1960, Jung, em carta à Walther Niehus, escreve: “gostaria de agradecer-lhe o interesse em minha chamada ‘autobiografia’ e dizer-lhe mais uma vez que não considero este livro obra minha, mas expressamente como um livro da autoria da senhora A. Jaffé. As partes que podem ser consideradas minhas são uma contribuição ao trabalho da Senhora Jaffé. O livro deveria ser publicado em nome dela e não em meu, pois não representa uma autobiografia de minha autoria” (Jung, 2003, p. 249).

Assim, devido às séries de edições e “censuras” que sofreu o registro original, atualmente existe um projeto de reedição de *Memórias, sonhos, reflexões*: “o executor literário do espólio de Aniela Jaffé, Robert Hinshaw, e a Fundação das Obras de C. G. Jung concordaram com a publicação completa dos protocolos de Aniela Jaffé sobre as lembranças de Jung. O volume será editado por Sonu Shamdasani com Thomas Fischer e Robert Hinshaw como editores consultores, aparecendo em inglês na *Philemon Series* da Philemon Foundation, publicada pela Princeton University Press” (Philemon Foundation, 2022).

\*\* (No original: “‘Jung read through the manuscript of this book and approved it’. Hence it has generally been taken that Jung was ultimately responsible for any omissions in the text. However, from the start, there were rumours of another order of omissions. This question was put to Jaffé in an interview with Suzanne Wagner which took place in 1977”).

mítica. Assim sendo, haverá sempre uma parte que ficará abscondida, pois, como símbolo, nunca se revela por completo. Há sempre uma parte em aberto, no porvir.

É interessante notar o que o próprio Jung falou, em 1952, a Zwi Werblowsky, do Departamento de Semiótica da Universidade de Leeds, na Inglaterra, a respeito da ambiguidade intencional de seus escritos: sua linguagem. O autor afirma que esta “precisa ser ambígua, deve ter *duplo* sentido, para fazer justiça à natureza psíquica com seu duplo aspecto. Eu procuro consciente e intencionalmente a expressão de duplo sentido, porque é superior à univocidade e corresponde à natureza do ser” (Jung, 2002, p. 245). De modo que não poderia deixar de ser assim no *Liber novus*.

Destarte, concordamos com Shamdasani quando aponta um dos motivos da complexidade de uma interpretação racional do *Liber novus*: ela não abarca a profundidade da experiência descrita. Esse é um texto que “está articulando o caminho do futuro. Não é um ensinamento, mas algo que dá testemunho da própria verdade do escritor – de sua redescoberta da verdade e reconexão com sua alma. Este não é um texto científico ou acadêmico”<sup>4</sup> (Shamdasani; Beebe, 2010, 243, tradução nossa). Por isso, se por um lado ele é pobre em aspectos teórico-conceituais é repleto em linguagem simbólica e, dessa forma não cabe explicarmos ou mesmo interpretarmos as imagens, mas acompanhar seus desdobramentos e transformações.

É importante entender ainda como Jung, por um esforço psíquico intenso – tantas vezes relatado em suas falas –, quando se refere ao *seu experimento mais difícil*, renunciou à supremacia da consciência e cedeu à força simbólica do inconsciente. Como diz o “velho ditame grego”: “abandona o que possuis e receberás” (Jaffé; Jung, 1997, p. 165). Jung sustentou em seu “eu onírico”<sup>5</sup> não somente a criação das imagens, mas, ao mesmo tempo, teve uma atitude ética, discipular e ativa frente ao sentido proposto por elas:

Todas as noites dedicava-me a essas notas, pois pensava: se não escrever à anima, ela não compreenderá minhas fantasias. Havia, entretanto, um outro motivo que me levava a essa tarefa assídua. Uma

<sup>4</sup> Original: “*Liber Novus* is a text that is articulating the way of the future. It is not a teaching but something which is bearing witness to the writer’s own truth – to his rediscovery of truth and reconnection with his soul. This is not a scientific or scholarly text.”

<sup>5</sup> Diz Shamdasani (2015, p. 370 – tradução nossa): “é importante enfatizar que é o ‘eu’ de Jung e não Jung: seu ‘eu’ é outra figura dentro do texto – encontra e tenta chegar a um acordo com o que rejeitou, seu adversário, seu oposto”. Original: “it is important to stress that it is Jung’s ‘I’ and not Jung: his ‘I’ is another figure within the text – encounters and attempts to come to term with what it has rejected, its adversary, its opposite”.

vez escritas, as coisas não podiam ser deformadas pela anima, nem poderia ela tecer intrigas. Nisto reside a grande diferença entre relatar mentalmente uma coisa e escrevê-la (Jaffé; Jung, 1997, p. 165).

Se, ao contrário, ficasse em uma posição passiva ante o que insurgia, teria sido tragado pelas forças do inconsciente. Tantos casos psiquiátricos são a prova desse arrebatamento, com perda quase que total da já relativa autonomia da consciência. E tantos outros, vemos conseguirem um reequilíbrio graças à aplicação manual dos conteúdos da pisque, uma vez que esse “fazer com as mãos o que a alma revela” é um dos caminhos para a integração. Como disse Shamdasani (*in* Jung, 2013, p. 56), “a tarefa com que Jung se deparava era como realizar e encarnar aquilo que ele aprendera através da investigação de sua própria vida”. Um conhecimento que foi transformado em vida. Por isso, é inegável dizer que seu *experimento* foi um ato de coragem.

Nesse entendimento, Jung pode ser visto como exemplo de um caso bem-sucedido, talvez raro, desse contato direto com o inconsciente, sem que a consciência seja destroçada. Sua atitude deve ser estudada a fim de contribuir para que sua obra possa cumprir sua cosmologia, trazer para a sociedade contemporânea, por meio de um sistema psicológico, um caminho de redenção<sup>6</sup> pela autorrealização do indivíduo.

Isto nos faz lembrar um sonho de Jung no início do processo de escrita dos primeiros esboços, em junho de 1914, semanas antes da deflagração da primeira Guerra Mundial, ainda quando estava preocupado com a tamanha intensidade das visões espontâneas avassaladoras que estava vivenciando e, justamente quando já estava pensando que seu “espírito havia ficado doente” (Jung, 2013, p. 113). Foi uma série de três sonhos, sequencialmente próximos um ao outro, nos quais Jung se vê em um país desconhecido, à noite e em pleno verão, quando surge um frio “terrível” que congela lagos e vegetações. O terceiro dessa sequência se repete, mas com uma variação no final:

Eu estava num distante país de língua inglesa. Era preciso que eu voltasse ao meu país o mais rápido possível num navio bem veloz.

---

<sup>6</sup> Queremos nos referir aqui ao tema da redenção como descrita na “Sexta Conferência” do livro *O significado psicológico dos motivos de redenção dos contos de fada*, de Marie Louise Von Franz (1993), em que ela aborda o tema da redenção por meio do encontro com o “eu” interior e a integração dos opostos. A autora discute de que maneira diversos contos de fadas retratam a jornada do herói como um processo de descoberta do “eu” interior e da integração das polaridades da psique. Ela explora como a busca pela redenção envolve confrontar e integrar as polaridades, como: masculino e feminino; luz e escuridão; bem e mal. Graças à análise de contos de fadas como “O príncipe sapo” e “Branca de Neve”, Von Franz examina como a jornada do herói é uma busca pela totalidade da psique e como esse confronto é fundamental para a busca da redenção, isto é, a libertação da energia psíquica retida, represada pela atuação dos complexos.

Cheguei rapidamente à casa. Em casa deparei-me com o fato de que em pleno verão havia irrompido um frio tremendo a partir do mundo ambiente, que congelou todo ser vivo. Havia ali uma árvore carregada de folhas, mas sem frutos; as folhas se haviam transformado, pela ação do gelo, em doces bagos de uva, cheios de suco medicinal.<sup>7</sup> Colhi as uvas e as dei de presente a uma grande multidão que aguardava<sup>8</sup> (Jung, 2013, p. 114).

Em certo sentido, pode-se fazer uma analogia do processo que Jung vivia naquele período e o resultado de tudo o que sucedeu a partir daí. Isto é, as *uvas medicinais* que ele oferece para a multidão, a partir da transformação pelo frio mortal, podem ser um paralelo de todo o aproveitamento que sua teoria pode trazer aos seus leitores. Sua obra oferece um acesso a um caminho de transformação interior que, na prática, tal qual à metáfora do suco de uvas envelhecido, pode, com o passar do tempo, ganhar em qualidade ao amadurecer e incorporar seu próprio aroma e essência.

Em 5 de janeiro de 1922, encontramos um diálogo de Jung com sua *Alma*.<sup>9</sup> O tema se deu acerca do que representava toda essa experiência interior e de qual seria a sua responsabilidade diante do que ele estava recebendo do inconsciente. Este relato, no entanto, não se encontra no *Liber novus*, pois este tem seu último registro em julho de 1916, e os escritos d'Os *Livros negros* continuam até 1932. A conversa é a seguinte:

[Eu]: Sinto que devo falar com você. Por que você não me deixa dormir quando estou cansado? Eu sei que a perturbação vem de você. O que leva você a manter-me acordado? A.: Agora não é tempo de dormir, mas de ficar acordado e preparar coisas importantes no trabalho noturno. Começa a grande obra.

[Eu]: Que grande obra?<sup>10</sup>

<sup>7</sup> Esta nota é do próprio texto do *Liber novus*. Trata-se de explicações de Shamdasani que complementam a imagem do sonho: “Vinho congelado é feito deixando-se as uvas na vinha até que fiquem congeladas. Depois são espremidas, e o gelo retirado, resultando em um vinho doce, muito saboroso e altamente concentrado” (Shamdasani in Jung, 2013, p. 114).

<sup>8</sup> Na segunda nota explicativa vemos, “O esboço continua: ‘Este foi meu sonho. Todo esforço de interpretá-lo foi em vão. Esforcei-me durante vários dias. Mas a impressão que deixou foi poderosa’” (Jung, 2013, p. 114). Sobre essa nota, analisamos que o peso próprio da profundidade das palavras de Jung, favorecem uma abordagem simbólica de sua fala. Mesmo buscando uma perspectiva clara e acadêmica, ao lê-lo com alguma abertura perceptiva, somos tocados de alguma forma. A quem diga que Jung é hermético e de difícil leitura. Sim, ele é de uma erudição ímpar, difícil acompanhar seu fôlego pela sede de conhecimento. Mas, quando ao lê-lo, buscando o ‘saber do coração’, cuja *alma* indicou a Jung, no próprio *Liber novus*, entendemos que acontece uma comunicação entre o leitor e o sentido profundo do que ele quer transmitir.

<sup>9</sup> É importante registrar que a palavra alma aqui mencionada se refere exclusivamente ao nome dado a um dos personagens relatados no *Liber novus* ou n’Os *livros negros*. Portanto, não se trata de um conceito teórico.

<sup>10</sup> Em alguns diálogos, os nomes dos personagens não aparecem abreviados. Reproduziremos tal qual na obra (*Liber novus* ou *Os livros negros*). Contudo, colocaremos em nota, quando necessário, o nome

A.: A obra que precisa ser feita agora. É uma obra imensa e difícil. Não há tempo para dormir, se você não encontra tempo durante o dia para permanecer a obra.

[Eu]: Mas eu nem sabia que algo assim estava acontecendo.

A.: Mas tu deverias ter percebido isso no fato de que venho perturbando teu sonho há muito tempo. Há tempo demais tens estado inconsciente. Agora deves subir a um nível superior de consciência. (Jung, 2020b, p. 209).

O diálogo segue e a *Alma*, fala-lhe sobre como deve agir diante da “revelação” que recebera do inconsciente:

A.: [...] Por que recebeste revelação [?] não deves escondê-la. Tu te preocupas com a forma? A forma alguma vez importou quando se tratava de revelação?

[Eu]: Estás dizendo que não devo publicar o que escrevi? Isso seria um desastre. E quem entenderia? (Jung, 2020b, p. 210).

Nesse processo há que se ter cuidado com a *hybris*, pois há o perigo da inflação, isto é, de que o ego se identifique com as figuras do inconsciente, sendo tragado do mesmo modo como se estivesse numa atitude passiva. Por isso, a *Alma* lhe aconselha: “Não beber tanto vinho, nem comer em demais. Sê comedido, pois um trabalho grande te aguarda [...]. Não deves querer dormir demais. Mas estar desperto para que percebas tudo corretamente” (Jung, 2020b, p. 211). Ou seja, algum pragmatismo é necessário. Um ponto de apoio ao ego, que ao mesmo tempo lhe sirva de parâmetro diante dos mistérios revelados pelas imagens do inconsciente.

Naqueles dias, o diálogo passa pela exigência feita pela *Alma* a Jung, no sentido de ele priorizar tanto sua vocação como sua relação com *ela*, em detrimento de quaisquer outras relações. Diz ela: “Esse direito me convém, pois eu sirvo a ti e ao teu chamado. Eu poderia dizer também que tu vens em primeiro lugar, mas é sobretudo o teu chamado que vem em primeiro lugar” (Jung, 2020b, p. 210).

Nessa jornada, o caminhar de Jung em direção ao desconhecido, nos deixa pistas úteis desse processo. Ele optou por ser fiel à sua *Alma*. Optou por ser fiel a si mesmo, enfrentando os próprios conflitos e paradoxos. E, a partir daí, dessa profundidade pela qual ele chegou a si mesmo, percebeu que, apesar das diferenças humanas, há, na psique, uma forma de se manifestar que é completamente idêntica,

---

do personagem apresentado no texto. Nesse diálogo, “A.” refere-se a *Alma* de Jung, e “Eu”, ao seu próprio eu onírico, isto é, parte de sua personalidade que se apresenta como consciência do ego nos devaneios e imaginações ativas.

em seus padrões e motivos, ao primeiro humano. Do inconsciente pessoal, chegou à psique objetiva. Da busca de si mesmo, Jung chegou à imagem do Si-Mesmo.

Em 7 de janeiro de 1922, novamente a *Alma* lhe disse: “eu te levo por caminhos sombrios. É preciso ter paciência, ainda não posso falar, apenas tatear. O passo é lento e o caminho é íngreme. Mas ele deve ser percorrido” (Jung, 2020b, p. 212). Seguem algumas orientações dela à Jung:

[Eu]: Fala sobre o que devo perceber.  
A.: Deves aprender a contemplar. Deves contemplá-lo para dentro de ti.  
[Eu]: O que devo contemplar para dentro de mim?  
[Eu]: Como posso fazer isso?  
A.: Através de concentração em ti mesmo, através de todo comedimento, silêncio, devoção (Jung, 2020b, p. 212).

É a partir dessas experiências de cisão inicial, aprofundamento e de confronto com as polaridades, que Jung, criativamente, reteve e sustentou o conflito; dialogou e aprendeu. Além do fato de algumas das transformações ocorridas nesse processo terem gerado o que se denominou *função transcendente*, da qual tratamos neste artigo.

Jung fez de sua experiência de cisão um caminho de transformação, que, mesmo após 48 anos de sua morte, traz uma nova cosmovisão, cujo potencial pode, ao menos, indicar-nos pistas para diminuir esta cisão inerente à sociedade moderna e pós-moderna. A importância que Jung deu às vivências internas e da sua atitude perante o inconsciente, temos hoje a possibilidade de testemunhar e acompanhar as metamorfoses da libido: *O Liber Novus* e *Os Livros Negros* são o registro do movimento da *alma* e nos convocam ao desafio de embarcar em nossa viagem singular de descoberta de nós mesmos e do *Si Mesmo* oculto. Foram escritos há mais de cem anos, mas não por acaso, publicados “na aurora do caos pós-moderno” (Furlotti, 2022, p. 233) e, como disse Furlotti (2022, p. 233), “ele nos deixou seu mapa do inconsciente para que nós o usássemos para navegar o mundo interior da psique, que é onde o mundo exterior é concebido”.

### 3 VISÕES INICIAIS E A PREPARAÇÃO DO CAMINHO

Quando lemos *Memórias*,<sup>11</sup> os relatos de Jung sobre a sua infância, é possível notar que começou nele, desde os seus primeiros anos, um processo de conscientização dialético marcado por uma propensão à reflexão sobre si mesmo e sobre a realidade da vida. Dessa forma, a ideia é traçarmos uma linha imaginária histórico-simbólica, a fim de compreendermos alguns processos psicodinâmicos vividos por Jung.

Ainda menino, Jung apresentava certa característica perscrutadora, aliada a uma forte introversão. Em suas lembranças, aparecem cenas em que, por diversas vezes, ele está querendo compreender além dos cânones oferecidos. Desde criança, percebera a tensão provocada pelo conflito de opostos que ora o fascinava, ora o atormentava. Relembra, em *Memórias*, que percebia “cada vez mais a beleza do claro mundo diurno em que ‘a luz dourada do sol brinca através da folhagem verde’” (Jaffé; Jung, 1975, p. 31). Porém, ao mesmo tempo, se sentia “à mercê de um inelutável mundo de sombras cheio de perguntas angustiantes e irrespondíveis” (Jaffé; Jung, 1975, p. 31).

Suas lembranças desses fatos tão sutis demonstram uma das mais marcantes características de sua obra: a importância que ele deu para a necessidade de o indivíduo desenvolver a capacidade para suportar a tensão provocada pelo conflito entre as polaridades consciente e inconsciente. Analisando os registros de *Memórias* e de seus biógrafos, percebemos haver um *fio*, que o conduziu desde a tenra idade a este caminho. Essa atitude foi salutar não só para Jung, mas foi dela o fruto de toda a sua teoria, a qual convida-nos à “tarefa de reconciliar, de algum modo, dois mundos que existem dentro de *nós mesmos*” (Hannah, 2003, p. 30, grifos do original).

Criado em ambiente de campo, conta Barbara Hannah (2003, p. 25), desde cedo Jung teve “as mais variadas oportunidades de defrontar-se como a vida real [*mundo natural*] como ela é, tanto em seu lado sombrio quanto em seu lado luminoso”. A proximidade de ambientes naturais com rios, lagos, animais, era fonte, já naquela época, de uma realidade que ele percebeu como simbólica. Vejamos, por exemplo, esta experiência:

---

<sup>11</sup> Para fins de fluidez no texto, a partir de agora sempre que nos referirmos ao termo *Memórias* (com inicial em maiúsculo e itálico), estamos nos referindo ao livro *Memórias, sonhos, reflexões*.

Havia uma encosta na qual ficava encravada uma pedra um pouco saliente – minha pedra. Às vezes, quando estava só sentava-me nela e então começava um jogo de pensamentos que seguia mais ou menos este curso: “Eu estou sentado nesta pedra. Eu, em cima, ela, embaixo.” Mas a pedra também poderia dizer “eu” e pensar: “Eu estou aqui, neste declive, e ele está sentado em cima de mim.” – Surgia então a pergunta: “Sou aquele que está sentado na pedra, ou sou a pedra na qual ele está sentado?” – Esta pergunta sempre me perturbava: eu me erguia, duvidava de mim mesmo, meditando acerca de “quem seria o quê?”. Isto não se esclarecia e minha incerteza era acompanhada pelo sentimento de uma obscuridade estranha e fascinante. O fato indubitável era que essa pedra tinha uma singular relação comigo. Eu podia ficar sentado nela horas inteiras, enfeitiçado pelo enigma que ela me propunha (Jaffé; Jung, 1997, p. 32).

Há outra passagem, cuja relembrança só se deu já na fase adulta de Jung, quando ele, muitos anos depois, volta ao local onde teve a “experiência com a pedra” e “redescobre” esta e outra fantasia, vivenciada por volta dos onze anos, com um personagem que ele criara: Jung talhou em madeira “um homenzinho de cerca de seis centímetro de comprimento, com ‘fraque, cartola e sapatos lustrosos’” (Jaffé; Jung, 1997, p. 32). Guardava-o em uma parte escondida no sótão e, vez por outra, “abria o estojo e contemplava o homenzinho e sua pedra. Colocava, então, junto a ele um rolinho de papel no qual escrevera antes, durante as aulas, algumas palavras numa caligrafia secreta que inventara” (Jaffé; Jung, 1997, p. 32).

Naquela época, Jung simplesmente agia seguindo os impulsos que vinham do que ele mais tarde chamou de *personalidades número um* e *número dois*. A *número um*, diurna, insegura, ligada às coisas do dia a dia de um menino, “ia à escola e era menos inteligente, atento, esforçado, respeitável e limpo do que muitos outros meninos” (Jaffé; Jung, 1975, p. 51). A outra, a *número dois*, era um espírito antigo, noturno, cétilico e desconfiado, que lhe trazia as verdades não comuns. Vivia “afastado do mundo dos homens, mas próximo da natureza, da Terra, do Sol, da Lua, das condições atmosféricas, de todas as criaturas vivas e, acima de tudo, próximo da noite, dos sonhos e do que quer que ‘Deus’ trabalhasse diretamente nele” (Jaffé; Jung, 1975, p. 51). Jung, portanto, não negava o direito à existência a seus pensamentos, apenas vivia-os na prática, fosse dando vazão às fantasias, recriando-as na realidade material ou internamente. Seu universo interior era permeado por imagens e reflexões sobre elas.

No período em que estava escrevendo *Símbolos e transformações da libido*, em 1912, pouco tempo antes de iniciar os registros de *Os livros negros*, reconheceu

naquelas vivências resquícios de “elementos arcaicos na alma” (Jaffé; Jung, 1975, p. 34). Seu *homenzinho* podia representar “um pequeno deus oculto dos antigos, um *telésforo*,<sup>12</sup> quem em muitas representações antigas aparece perto de Esculápio, para o qual lê, num rolo que tem nas mãos” (Jaffé, Jung, 1975, p. 34).

Algum leitor poderia estar agora se perguntando, qual a relação dessas lembranças com o que Jung escreveu no *Liber novus*? Tais experiências infantis continham os núcleos seminais do que seria, no futuro, um *outro* centro além da consciência, o *Self*. Sobre essas memórias, Jung afirma terem sido acontecimentos da sua “vida através dos quais o mundo eterno irrompeu no mundo efêmero. [...] Falo principalmente das experiências interiores. Entre eles figuram meus sonhos e fantasias, que constituíram a matéria original de meu trabalho científico” (Jaffé; Jung, 1975, p. 20).

Já se manifestava nas experiências com a pedra, com aquele *homenzinho* de madeira, nas cidades, igrejas e torres que construía à beira do lago, o “problema das relações entre o ‘homem intemporal’, o Si-Mesmo, e o homem terrestre, no tempo e no espaço” (Jaffé; Jung, 1975, p. 279). Tal abertura lúdica de Jung ao imaginário na meninice, talvez fosse um exercício que o preparava para uma vida interior de profundidade na idade adulta. O que na infância era um impulso instintivo, se tornou uma prévia do que ele, nos últimos anos de sua vida, denominou de “a questão decisiva: [...] você se refere ou não ao infinito? Tal é o critério de sua vida. Se sei que o ilimitado é essencial então não me deixo prender a futilidades e a coisas que não são fundamentais” (Jaffé; Jung, 1975, p. 281).

Donald Kalsched (2013) propõe a ideia de *defesas arquetípicas* quando, no desenvolvimento infantil, o ego ainda frágil, sofre alguma situação traumática. Desperta no inconsciente profundo um *insight*, uma possibilidade para reparar e sustentar o ego, de maneira que ele possa lidar com algum fenômeno afetivo intenso,

---

<sup>12</sup> Na mitologia Grega, considerado assistente de Asclépio: “ele é quem ‘conduz ao pleno desenvolvimento’ ou ‘conclusão’. O nome de Telésforo, de origem grega, é composto por *τέλος*, propósito, meta, e por *φόρος*, aquele que traz, carrega, sendo o sentido aquele de quem cumpre. A etimologia do nome define a área de ação da divindade, a convalescência, favorecendo a cura da doença, cumprindo assim uma função terapêutica. Para tanto, o personagem é retratado segurando ocasionalmente um rolo, que traz inscritas as prescrições médicas” (Antal, 2014, p. 195, tradução nossa).

No original: “He is the one “leading to full development” or “completion”. *Telesphorus’s name, of Greek origin, is composed of τέλος, the purpose, goal, and of φόρος, the one who brings, bears, the meaning being that of the one who fulils. The name etymology sets the deity’s action area, the convalescence, fostering the healing from illness, fulfilling thus a therapeutic function. To this efect, the character is rendered holding occasionally a roll, which bears inscribed the medical prescriptions.”*

sem romper a consciência do eu. No caso de Jung, havia uma cisão defensiva, resultado da dificuldade de se sentir seguro para expressar suas fantasias e pensamentos íntimos no ambiente familiar<sup>13</sup> e na própria escola. Tal situação gerou o que poderíamos chamar de *alter ego*, isto é, um segundo *eu*, assegurando-lhe a possibilidade de desenvolver e confiar em um diálogo com um *outro* mundo do inconsciente.

Aquela vivência de desunião consigo mesmo, no entanto, foi criativamente tratada por meio da criação do ritual simbólico secreto com o *homenzinho* de madeira, que guardava uma pedra e alguns pergaminhos. “Quando a situação se tornava quase insuportável, pensava no meu tesouro secreto do sótão, e isso me ajudava a reencontrar a dignidade humana” (Jaffé; Jung, 1975, p. 38). Por meio daquele ritual, a própria psique de Jung estava sendo protegida de cindir-se. Guardar aquele segredo “exerceu uma poderosa influência formativa no meu caráter; eu o considero o fato essencial da minha meninice” (Jaffé; Jung, 1975, p. 33), disse Jung em 1957, quatro anos antes de sua morte, em *Memórias*.

#### 4 JOGO DE OPOSTOS: DIALÉTICA ENTRE INCONSCIENTE E CONSCIÊNCIA

Indo um pouco mais atrás no tempo, a fim de compor este *fio* que mencionamos anteriormente, é importante registrar o primeiro sonho do qual Jung se lembra, o sonho do “falo subterrâneo”.<sup>14</sup> As imagens desse sonho o acompanharam durante toda a sua trajetória. Mais tarde, aos 81 anos de idade, refletiu:

---

<sup>13</sup> O ambiente familiar, foi fator que, sem dúvida, serviu de solo fértil ao que suscitou a experiência de fragmentação na infância e, mais tarde, na idade adulta, se tornou mote para a construção da ideia de uma psicologia dialética. Sem entrarmos em detalhes aqui, pois fugiria ao objetivo deste artigo, tais registros são de que, a começar pela figura de seu pai, Jung via nele um modelo que lhe inspirava pouca confiança. Percebia que os dogmas os quais, como pastor luterano, exortava, pouco o serviam para trazer um sentido genuíno da vivência espiritual. Quando ouvia “seus sermões, pensava [...] Suas palavras eram insípidas e vazias, tal como as de uma história contada por alguém que nela não crê, ou que só a conhece por ouvir dizer. Queria ajudá-lo, mas não sabia como” (Jaffé; Jung, 1975, p. 50). Sua mãe, por outro lado, parecia viver um mundo misteriosamente duplo. Se, por um lado, era afetiva e gostava de conversar, por outro, revelava, “repentinamente, uma personalidade inconsciente de um poder imprevisto – um aspecto sombrio, imponente, dotado de uma autoridade intangível. Tal fato era inegável e creio que ela também possuía duas personalidades: uma, inofensiva e humana; a outra, pelo contrário, parecia temível” (Jaffé; Jung, 1975, p. 54).

<sup>14</sup> Eis o sonho na íntegra: “eu estava nessa campina. Subitamente descobri uma cova sombria, retangular, revestida de alvenaria. Nunca a vira antes. Curioso, me aproximei e olhei seu interior. Vi uma escada que conduzia ao fundo. Hesitante e amedrontado, descii. Embaixo deparei com uma porta em arco, fechada por uma cortina verde. Esta era grande e pesada, de um tecido adamascado ou de brocado, cuja riqueza me impressionou. Curioso de saber o que se escondia atrás, afastei-a e deparei com um espaço retangular de cerca de dez metros de comprimento, sob uma tênue luz crepuscular. A abóbada do teto era de pedra e o chão de azulejos. No meio, da entrada até um estrado baixo, estendia-

O que falava em mim nesse tempo? Quem propunha as questões supremas? Quem reunia o alto e o baixo, estabelecendo a base de tudo o que preencheria a segunda metade da minha vida de tempestades apaixonadas? Quem perturbava a tranquilidade e a inocência com esse pesado pressentimento da vida humana, a mais madura? Quem, senão o hóspede estrangeiro, vindo do alto e do baixo?

Esse sonho de criança iniciou-me nos mistérios da Terra. Houve nessa época, de certa forma, uma espécie de catacumba onde os anos se escoaram até que eu pudesse sair de novo. Hoje, sei que isso aconteceu para que a mais intensa luz possível se produzisse na obscuridade. Foi como que uma iniciação no reino das trevas. Nessa época principiou inconscientemente minha vida espiritual (Jaffé; Jung, 1975, p. 27-8).

Aquelas imagens trouxeram inquietações que fizeram parte de quem Jung se tornou e de tudo o que ele criou em torno de si, tanto em âmbito profissional como pessoal. Há, por exemplo, talhado em pedra e colocado no jardim de sua casa, em Küsnacht, uma reprodução semelhante à figura ambivalente que, primeiro apareceu em sonho, como o *falo subterrâneo*, depois como *homenzinho de madeira*. Essa imagem também aparece em *Os livros negros* e *Liber novus*: “Somente então o inconsciente me sugeriu um nome para ela: *Atmavictu*<sup>15</sup>: *breath of life* (sopro de vida). É um desenvolvimento mais amplo daquele objeto quase sexual da minha infância, sublinhado, porém como *breath of life*, como impulso criador [...] Um cabiro” (Jaffé; Jung, 1975, p. 34).

Jung também usa o termo “o sopro de vida”, o impulso criativo como tal. *Atmavictu* é o *daimon* de Jung: por isso ele também o representou em esculturas de madeira e pedra. O próprio Jung é sucessivamente identificado com uma ampla gama

---

se um tapete vermelho. A poltrona era esplêndida, um verdadeiro trono real, como nos contos de fada. Sobre ele uma forma gigantesca quase alcançava o teto. Pareceu-me primeiro um grande tronco de árvore: seu diâmetro era mais ou menos de cinquenta ou sessenta centímetros e sua altura aproximadamente de uns quatro ou cinco metros. O objeto era estranhamente construído: feito de pele e carne viva, sua parte superior terminava numa espécie de cabeça cônica e arredondada, sem rosto nem cabelos. No topo, um olho único, imóvel, fitava o alto.

O aposento era relativamente claro, se bem que não houvesse qualquer janela ou luz. Mas sobre a cabeça brilhava uma certa claridade. O objeto não se movia, mas eu tinha a impressão de que a qualquer momento poderia descer do seu trono e rastejar em minha direção, qual um verme. Fiquei paralisado de angústia. Nesse momento insuportável ouvi repentinamente a voz de minha mãe, como que vinda do interior e do alto, gritando: – ‘Sim, olhe-o bem, isto é o devorador de homens!’ Senti um medo infernal e despertei, transpirando de angústia. Durante noites seguidas não queria dormir, pois receava a repetição de um sonho semelhante” (Jaffé; Jung, 1975, p. 25-6).

<sup>15</sup> Os escritos d’*Os livros negros* vão desde 12 de novembro de 1913 a 14/15\* de dezembro de 1932. Já no caso de *Liber novus*, encontramos a data mais precisa do seu início no prefácio d’*Os livros negros*, quando Shamdasani (*in* Jung, 2020a, p. 43) diz: “em algum momento de 1915, Jung decidiu transcrever o manuscrito datilografado do *Liber novus* na forma de um manuscrito medieval iluminado em pergaminho e escrita caligráfica”. A conclusão do texto, ou melhor, a data em que Jung cessa a escrita do *Liber Novus* é 1º de junho de 1916.

de figuras internas. Todas essas figuras camaleônicas refletem a natureza multiforme das transformações simbólicas do inconsciente.

Podemos acompanhar no *Liber novus* diferentes e constantes transformações nas personificações da imagem do Si-mesmo. Apresentam várias ramificações, desdobramentos e conexões entre elas, independentemente das transformações que elas apresentam em si mesmas. Ressurgem na obra teórica em forma de proposição acerca da importância salutar do diálogo com o inconsciente, com seus desafios e recompensas.

Segundo Jung, de fato nossa realidade se sustenta pelas imagens psíquicas. Não temos acesso à verdadeira natureza da matéria, “só o psíquico possui uma realidade imediata” (Jung, 1985k [1933], § 747). A validade do “real” e do “irreal” são da ordem da psique, do imaginário. Nesse sentido, há uma ligação com a ideia Kantiana, na qual o mundo tal qual é, não pode ser conhecido. Pois, a psique e não o mundo além dela, é o objeto mais contíguo da percepção. Aliás, tudo o que alegamos conhecer é de alguma forma dela derivado.

Nisso reside o alfa e o ômega da existência, é por onde todos os problemas começam e terminam. Ou seja, “somos subjugados por um mundo que foi criado pela psique” (Jung, 1985k [1933], § 747), sendo assim “maiores do que todos os problemas físicos são efeitos tremendos das ideias ilusórias às quais nossa consciência mundana nega qualquer realidade” (Jung, 1985k [1933], § 747).

A imagem, vista desse horizonte, funciona como um espelho da psique que se auto revela e se auto-observa em seu dinamismo energético. Nesse sentido, completa em si mesma, possui coerência intrínseca, não necessitando ser descrita ou traduzida para sistemas ou linguagens diferentes das quais ela apresenta naquele dado momento. Na sua origem manifesta, já permite o cultivo, o trabalho, a apreciação. No entanto, perde sua vitalidade se for analisada, depurada pela explicação intelectual. Portanto, trabalhar no plano da imagem é reconhecer o movimento da alma em sua realização na consciência. Movimento este que pede contemplação e não interpretação.

Tais transformações podem ser vistas como alicerces que sustentam a afirmação de Jung de “que só aquilo que realmente somos tem o poder de curar-nos” (Jung, 1985 [1928], § 258). Afinal, quem somos realmente? Jung é um caso extremo dessa busca por si mesmo. Alcançou uma profundidade interna que, talvez, poucos

viveram e voltaram para contar, pelo menos em forma de teoria e com o alcance que a sua vem conquistando, inclusive academicamente.<sup>16</sup>

Por exemplo, mais tarde, em 1951, já em idade madura, quando produzia *Psicologia e alquimia*, escreve, em termos teóricos, a trajetória do confronto profundo com as raízes do inconsciente. Hoje sabemos que ele experimentou primeiro o *vinho das uvas* que nasceram no inverno, antes de *distribuir a nosotros además*. Disse Jung:

Quando, mediante a exploração do inconsciente, a consciência se aproxima do arquétipo, o indivíduo é confrontado com a contradição abissal da natureza humana, o que lhe proporciona uma experiência imediata da luz e da treva, do Cristo e do demônio. Trata-se aqui, no melhor ou no pior dos casos, de uma possibilidade e não de uma garantia; experiências deste tipo não podem ser induzidas através de meios humanos. Há fatores a serem levados em conta que não estão sob nosso controle. A vivência dos opostos nada tem a ver com a visão intelectual, nem com a empatia. É mais aquilo a que poderíamos chamar de destino. Tal vivência pode provar a uns a verdade de Cristo, a outros, a de Buda, até à mais extrema evidência (Jung, 1991 [1951], § 23).

É interessante notar, como alguns construtos teóricos de Jung refletem sua experiência com o *Liber novus*. Em 1918, Jung fez uma espécie de síntese do que já havia desenvolvido “sobre o inconsciente”, inclusive, deu esse título ao texto. Ali disse que o inconsciente é esse “misterioso pano de fundo” (Jung, 1993 [1918], § 15), sendo necessário procurar o “caminho do meio”, entre a consciência e o inconsciente. Nele, a arte pode auxiliar, muito pouco como estética, mas bem mais como símbolo, que tem como função cumprir essa união, pois contém ambos os polos, o racional (da consciência) e o irracional (do inconsciente) (Jung, 1993 [1918]).

Além do estudo sobre a complexa relação do sujeito em seu mundo interior e sua extensão fora, a questão da polaridade indivíduo-sociedade aparece diversas vezes na obra de Jung. Sua preocupação com o movimento da consciência coletiva contrabalanceou a intensidade com que ele enfatizava a necessidade da vivência interior. Para ele, ambas se refletiam mutuamente, como pares de opostos que sustentam o destino individual e coletivo. Disse ele em 1939 que, para compreender o curso da história humana, é preciso ir além da camada externa dos grandes acontecimentos sociais e encontrar, na profundidade da vivência subjetiva, o que “é vivido por todos mas observado por ninguém [...] Guerras, dinastias, revoluções sociais, conquistas e religiões são os sintomas mais superficiais de uma atitude

---

<sup>16</sup> Reconhecemos nesta pesquisa uma oportunidade de avaliar a relevância desse autor para a História e a Filosofia da Psicologia, como um caminho terapêutico em busca do desenvolvimento psíquico.

psíquica secreta do indivíduo que ele próprio desconhece e, portanto, não é transmitida a nenhum historiador" (Jung, (1993 [1957]) § 315).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jung começou descrevendo em detalhes esse ‘pano-de-fundo’ dito acima, em esboços *in natura*, Através dos *Livros negros*. Mas, logo em seguida, sentiu a necessidade de revisitá-los caligraficamente, em cor, forma e comentários<sup>17</sup>, no *Liber novus*; mergulhando um pouco mais, em busca de compreender a natureza psicológica daquelas fantasias. Isso fez com que ele percebesse que, em qualquer época, havia um dinamismo relativo e mutante no inconsciente, no qual a manifestação se dá de forma simbólica. Restava agora, demonstrar tal percepção numa linguagem que fosse assimilável, a fim de provocar uma reformulação de nossa visão de mundo, a partir da integração dos paradoxos vividos no confronto com o inconsciente (Shamdasani, in Jung, 2013).

Por essa razão, compreendemos que Jung tinha, de algum modo, a intenção de que o *Liber novus* chegasse realmente a ser publicado. Se assim não fosse, por que ele transcreveria à máquina os *cadernos de transformação* e distribuiria a um círculo de amigos e colaboradores próximos, tais como Von Franz, Toni Wolf, além de outros? Nesses *cadernos de transformação*, como ele chamou os *Livros negros*, havia, além das primeiras fantasias, alguns esboços de desenhos de mandalas.

Em termos simbólicos, todo esse processo vívido fazia parte, por assim dizer, de uma *jornada heroica* de Jung. Heroica porque se assemelha àquela do herói de contos de fadas, mitos e lendas, que, ao travar uma luta contra o *dragão*, o *monstro* ou outro *ser* mortalmente desafiador, quando vitorioso, traz para a comunidade algum nível benefício ou redenção. Analogamente, Jung aceitou um desafio e, ao empenhar-se na comunicação com o inconsciente, fez surgir, naturalmente, um sentido profundo: aquele de trazer alguma *boa nova* para compartilhar, mesmo colocando em risco seus próprios alicerces intelectuais, em especial, a própria consciência do eu, aceitando o *sacrifício*.

---

<sup>17</sup> Em termos de escrita, o *Liber novus* é composto, basicamente de duas camadas: a primeira, onde ele reescreve as anotações dos *Livros negros* (os registros originais das imaginações ativas), com algumas alterações, a segunda camada, onde ele faz reflexões sobre as imaginações. Reflexões pessoais, não teóricas.

Nesse sentido, ousamos dizer, o *Liber novus* pode representar, o *terceiro elemento*, solucionador, unificador, entre a teoria e a prática de Jung; entre suas próprias polaridades e seus conflitos. Se como dissemos anteriormente, a função transcendente é o resultado do diálogo entre a consciência e o inconsciente, o *Liber novus* é um exemplo material desse *terceiro elemento*, que transformou a visão existencial de Jung numa perspectiva ampliada.

Ao dar atenção às angústias oriundas daquelas fantasias, Jung não somente encontrou um novo sentido para sua vida, mas elaborou um legado teórico clínico que nos é útil até hoje. Conceitos como individuação, a vocação inata do ser humano para a autorrealização; a ideia de compensação inconsciente, a habilidade psíquica para a homeostase, fazendo com que sintomas, sonhos possam orientar o indivíduo quando a consciência está sendo unilateral; a capacidade original para elaborar os conflitos internos por meio da vivência simbólica, dentre outros, são para além de constructos teóricos uma cosmovisão.

Ademais, podemos encontrar na leitura do *Liber novus*, entre tantas outras coisas, o exercício dialético das inquietações de Jung e seu tempo, suas conquistas e do que ele precisava abrir mão; mais além, a criação, o surgimento, o nascedouro de uma nova teoria, de um novo caminho para ele mesmo, Jung. Esse novo trazia revelações com as quais ele mesmo se espantava, mas que, ao final de sua vida, trouxeram-lhe uma sensação de inteireza, expressa nos relatos de seus biógrafos e nas ferramentas que sua teoria nos fornece para tratar os fenômenos da psique, expandindo o campo da psicopatologia.

## REFERÊNCIAS

- ANTAL, A. A god of convalescence. *Telesphorus/Genius cucullatus in Roman Dacia. Acta Museum Napocensis: Prehistory-Ancient History-Archaeology*, Transilvania, v. 51, n. 1. 2014. Disponível em: [https://www.academia.edu/30401309/A\\_god\\_of\\_convalescence\\_Telesphorus\\_Genius\\_Cucullatus\\_in\\_Roman\\_Dacia](https://www.academia.edu/30401309/A_god_of_convalescence_Telesphorus_Genius_Cucullatus_in_Roman_Dacia). Acesso em: 17 abr. 2023.
- AZEVEDO, F. F. *Dicionário analógico da língua portuguesa*. Ideias afins – thesaurus. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.
- BOECHAT, W. F. *O livro vermelho de Carl Gustav Jung*. Jornada para profundidades desconhecidas. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FRANZ, M. L. V. *O significado psicológico dos motivos de redenção nos contos de fadas*. São Paulo: Cultrix, 1993.

- Furlotti, N. S. Encontros com a alma animal. Uma voz de esperança para o nosso mundo precário. In: ARTZ T., STEIN M. *O Livro Vermelho de C. G. Jung para o nosso tempo*. Vozes. 2022.
- HANNA, B. *Jung Vida e Obra*. Uma memória biográfica. São Paulo: Artmed, 2003.
- JAFFÉ, A, JUNG C. G. *Memórias, sonhos, reflexões*. 12. ed. org. e apr. Aniela Jaffé. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- JUNG, C. G. *Cartas*. v. 2: 1946-1955. Petrópolis: Vozes, 2002.
- JUNG, C. G. *Cartas*. v. 3: 1956-1961. Petrópolis: Vozes, 2003.
- JUNG, C. G. Introdução à problemática da psicologia religiosa da alquimia. In: JUNG, C. G. *Psicologia e alquimia*. Petrópolis: Vozes, 1991 [1951].
- JUNG, C. G. *Os Livros Negros*. Cadernos de transformação. Livro 1. Petrópolis: Vozes, 2020a.
- JUNG, C. G. *Os Livros Negros*. Cadernos de transformação. Livro 7. Petrópolis: Vozes, 2020b.
- JUNG, C. G. O método sintético e o construtivo. In: JUNG, C. G. *Psicologia do inconsciente*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1989 [1958]. JUNG, C. G. *O livro vermelho: Liber novus*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- JUNG, C. G. A função transcendente. In: JUNG, C. G. *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes, 1985 [1916; 1958].
- Jung, C. G. A importância da psicologia para a época atual. In: JUNG, C. G. *Psicologia em transição*. Vozes. 1993 [1957].
- JUNG, C. G. Sobre o inconsciente. In: JUNG, C. G. *Psicologia em transição*. Petrópolis: Vozes, 1993 [1918].
- JUNG, C. G. Tentativas de libertar a individualidade da psique coletiva. In: JUNG, C. G. *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes, 1985 [1928].
- KASLCHED D. *O mundo interior do trauma*. Defesas arquetípicas do espírito pessoal. São Paulo: Paulus, 2013.
- PHILEMON FOUNDANTION. <https://philemonfoundation.org/>. Acesso em: 8 set.2022.
- SHAMDASANI, S; BEEBER, J. Jung becomes Jung: a dialogue on Liber Novus (The Red Book). *Psychological Perspectives*, v. 53, n. 4, p. 410-436, 2010. DOI: 10.1080/00332925.2010.524110. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00332925.2010.524110>. Acesso em: 20 out. 2020.
- SHAMDASANI, S. Jung's practice of the image. *Journal of Sandplay Therapy*, v. 24, n. 1, 2015.

SHAMDASANI, S. Memórias, sonhos e omissões. In: BISHOP, P. *Jung in Contexts*. A reader. 1999. Londres; Nova York: Routledge, 1999.

## DADOS DAS AUTORAS

### *Fátima Caropreso*

Graduada em Psicologia (1999) pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre em Filosofia e Metodologia das Ciências (2002) e Doutora em Filosofia (2006) pela mesma instituição. Realizou estágio de pós-doutoramento (2007-2009) no Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente é Professora Associada 3 do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), MG.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8197-1479>

E-mail: [zdofml@gmail.com](mailto:zdofml@gmail.com)

### *Zara de Oliveira*

Psicóloga - UCP (1995). Doutora em Psicologia - UFJF (2024). Mestrado em Ciência da Religião - UFJF (2019). Especialista em Ciência da Religião - UFJF (2016). Formação Internacional em Ecopsicologia Aplicada IBE-IES (2023). Pós-Graduada em Educação, Ecologia e Espiritualidade - ITF (2007). Membro Didata da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, pela International Association for Analytical Psychology - IAAP (2006). Especialista em Psicologia Analítica - IBMR (1997). Diretora de Biblioteca e Publicação. SBPA-BR (2023-2025) Membro da Comissão de Ensino, Docente e Supervisora Clínica da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica - SBPA-BR. Membro convidada do Departamento de Ecopsicologia - Associação Junguiana do Brasil - AJB. Docente da Pós-Graduação em Naturopatia da Faculdade Integradas Espírita - FIE (2015-2019). Docente e Supervisora Clínica do Instituto Olhos da Alma Sã. IOAS-GO. Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1825-0097>

E-mail: [zaraoliveira@yahoo.com](mailto:zaraoliveira@yahoo.com)